

MARMI ANTICHI NA INGLATERRA

Eliane Aparecida Del Lama¹, Lauro Kazumi Dehira²

1 - Geóloga, IGC-USP; 2- Geólogo
edellama@usp.br

Resumo: Provavelmente a paixão secreta de todo geocientista é a pedra. Mas a paixão mais explícita vem de uma cidade, não por acaso denominada cidade eterna: Roma, relação que pode ser estabelecida entre a eternidade desta cidade e a durabilidade da pedra. Na época do Império, as colônias romanas forneceram uma grande diversidade de tipos petrográficos que é vista até hoje em monumentos e igrejas de Roma. Estes Marmi Antichi não são exclusivos de Roma, tendo sido também utilizados na Inglaterra. O presente trabalho descreve estas pedras neste país, focando mais na cidade de Londres, e com especial destaque para a arte cosmatesca aí presente, arte esta que é praticamente sinônimo de arte romana.

Palavras Chave: marmi antichi, cosmatesco, Westminster

Abstract: MARMI ANTICHI IN ENGLAND. The secret passion of all geoscientists probably is stone. Actually, the more explicit passion comes from one specific city, not by chance called the eternal city: Rome. There might be a relationship based on the connection between the eternity of the city and the durability of stones. During the Empire, Roman colonies provided a great variety of petrographic types that can still be seen in monuments and churches in Rome. These Marmi Antichi are not exclusive of Rome, having also been utilized in England. This paper describes the stones used there, focusing mainly on the city of London with special emphasis to the Cosmati art, which is in a way synonymous with Roman art.

Keywords: marmiantichi, cosmati, Westminster

1. INTRODUÇÃO

Na época do império, Roma era fascinada por rochas ornamentais.

Conhecidas por *Marmi Antichi*, representavam qualquer pedra decorativa, independente de sua filiação genética ou composição, oriundas das colônias romanas, tais como, Egito, Ásia Menor, Grécia, França, Argélia, Tunísia, e também da própria Itália. Descrições dos *Marmi Antichi* podem ser encontradas em Borghini (1989), Lazzarini & Sangati (2004), Price (2007) e Giampaolo *et al.* (2008).

Boa parte destas pedras já há muito não é mais explorada, mas elas estão presentes em muitos dos monumentos da cidade eterna, estando bem representadas nos pisos de muitas igrejas romanas, conhecidos como Piso Cosmatesco (Figura 1). O nome deriva da família romana Cosmati que, por 4 gerações desta família, os artesãos confeccionaram, durante os séculos XII e XIII, mosaicos geométricos, com destaque para pisos de igrejas. Eles usavam a técnica do *opus sectile*, que consistia na confecção

de painéis com pedras de formas e cores variadas, normalmente pequenos triângulos e retângulos, incrustados em uma superfície pétrea. Este trabalho também foi realizado em campanários, pórticos, claustros, fachadas, cibórios, altares, púlpitos e tronos episcopais.

Hutton (1950) ilustra exemplos da arte cosmatesca, tanto em Roma quanto fora dela.

O estilo ficou tão bem caracterizado que, trabalhos posteriores usando a mesma padronização, foram denominados Estilo Cosmatesco.

Os *Marmi Antichi* não são uma exclusividade de Roma. Este trabalho relata a utilização destas pedras na Inglaterra

2. MARMI ANTICHI NA INGLATERRA

A presença dos *Marmi Antichi* em solo inglês é atestada aqui sobretudo na cidade de Londres, além de Oxford e em Fountains Abbey, North Yorkshire.

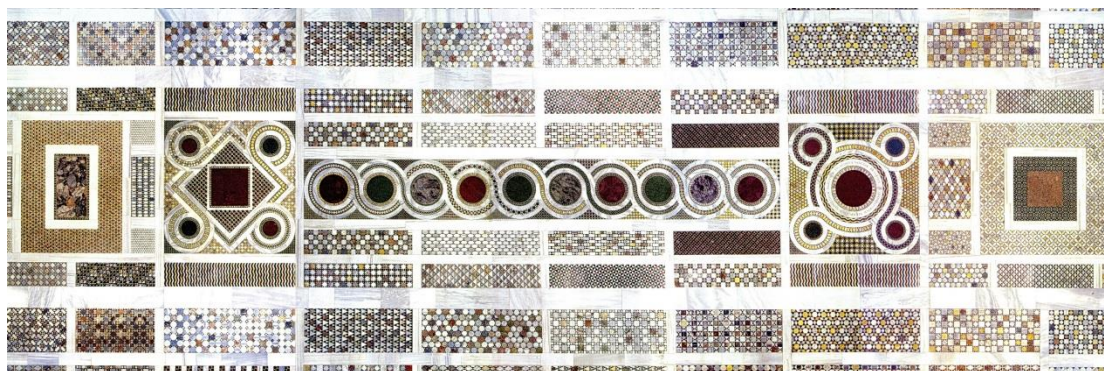


Figura 1. Piso Cosmatesco, Igreja Santa Prassede, Roma, Itália

doi: 10.18285/geonomos.v24i2.876

2.1. Marmi Antichi em Londres

Exemplos em Londres para observar *Marmi Antichi* são a Abadia e a Catedral de Westminster, e o Museu de História Natural.

2.1.1. Abadia de Westminster

A Abadia de Westminster foi iniciada por Henry III em 1245 e é uma das construções góticas mais importantes da Inglaterra, sendo o local de coroação ao trono britânico desde 1066.

Ela tem duas curiosidades geológicas. A primeira é que Charles Lyell, considerado um dos pais da Geologia, está sepultado lá (muito próximo do túmulo de Charles Darwin). E a segunda é o Piso Cosmatesco do altar-mor, com sua grande diversidade de pedras (Figura 2).



Figura 2. Piso Cosmatesco, Abadia de Westminster, Londres, Inglaterra

Grant (2002) aponta que o Piso Cosmatesco é um dos objetos mais expressivos da abadia. Sua construção data de 1268, com área de 7,5 m², e constituído por mais de 30.000 peças de pedra e vidro, divididos em 4 grupos de material (FOSTER, 2002; DURNAN, 2002). O primeiro é o trabalho original de 1268, com tesselas predominantes de Porfido Imperial e Serpentino, e calcário amarelo (provavelmente Giallo Antico). As tesselas são separadas pelo Mármore Purbeck. Também ocorrem pequenas quantidades de vidro, alabastro, Granito Bianco e Nero, travertino, Rosso Verona e Lumachella Rosea. O círculo central é de Alabastro Egípcio. O segundo grupo é a primeira restauração do piso nos idos de 1660, com tesselas de calcário rosa da Bélgica, serpentinito de Gênova, calcário amarelo e tijolo. O terceiro grupo é a segunda restauração, ocorrida no começo do século XVIII. Foram utilizadas tesselas de Mármore Tournai,

calcário preto com corais, Carrara, Cipollino e Serpentinito Lizard. E o quarto grupo é a restauração realizada em 1867-88 por Sir George Gilbert Scott, utilizando Porfido Imperial, Serpentino, GialloAnticoe Mármore Purbeck, mas as tesselas foram cortadas mecanicamente sobressaindo as bordas afiadas. Algumas denominações de Foster (2002) e Durnan (2002) foram alteradas segundo as denominações apresentadas em Price (2007), que são mais usuais.

O Piso Cosmatesco da Abadia de Westminster difere dos pisos encontrados nas igrejas romanas, pois foram utilizadas pastilhas coloridas de vidro, diferindo dos exemplos existentes em Roma. Outra diferença é que nas igrejas romanas a base é de mármore branco (Carrara), enquanto que na abadia é de calcário fossilífero escuro conhecido como Mármore Purbeck. Ademais, no piso da abadia há inscrições em latão falando sobre o fim do mundo, e nos trabalhos cosmatescos italianos não existem inscrições.

A utilização do Mármore Purbeck apresenta problemas devido à presença de argilominerais e pirita em sua composição, o que provoca o aceleração da deterioração da pedra.

Por mais de 150 anos, o piso da abadia esteve coberto por um tapete devido ao seu mau estado de conservação, tendo sido removido apenas em 1998.

Em 2010 foi finalizado um programa de conservação e limpeza, e muita informação deste projeto pode ser encontrada no site da abadia (<http://www.westminster-abbey.org/conservation/home>).

O piso foi exibido ao mundo todo em 2011 no casamento do Príncipe William de Wales, Duque de Cambridge, com a plebeia Catherine Middleton.

2.1.2. Catedral de Westminster

A Catedral de Westminster, principal catedral católica romana na Inglaterra, é decorada no estilo bizantino com mármore e mosaicos. Sua construção iniciou-se em 1895 e foi inaugurada em 1903. Foi decorada com mais de uma centena de pedras de 25 países dos 5 continentes (Figura 3). Muitas são *Marmi Antichi* e outras são de pedreiras redescobertas e reabertas no século XIX. Entre aquelas figuram Verde Antico, Cipollino, Africano, Mármore Pentélico, Serpentino, PorfidoImperial, GialloAntico, Carrara, Grand Antique e Pavonazetto. E não falta uma pedra representante do Brasil: Azul Macaúbas. Uma completa descrição das pedras encontradas na Catedral de Westminster é apresentada por Rogers (2008).

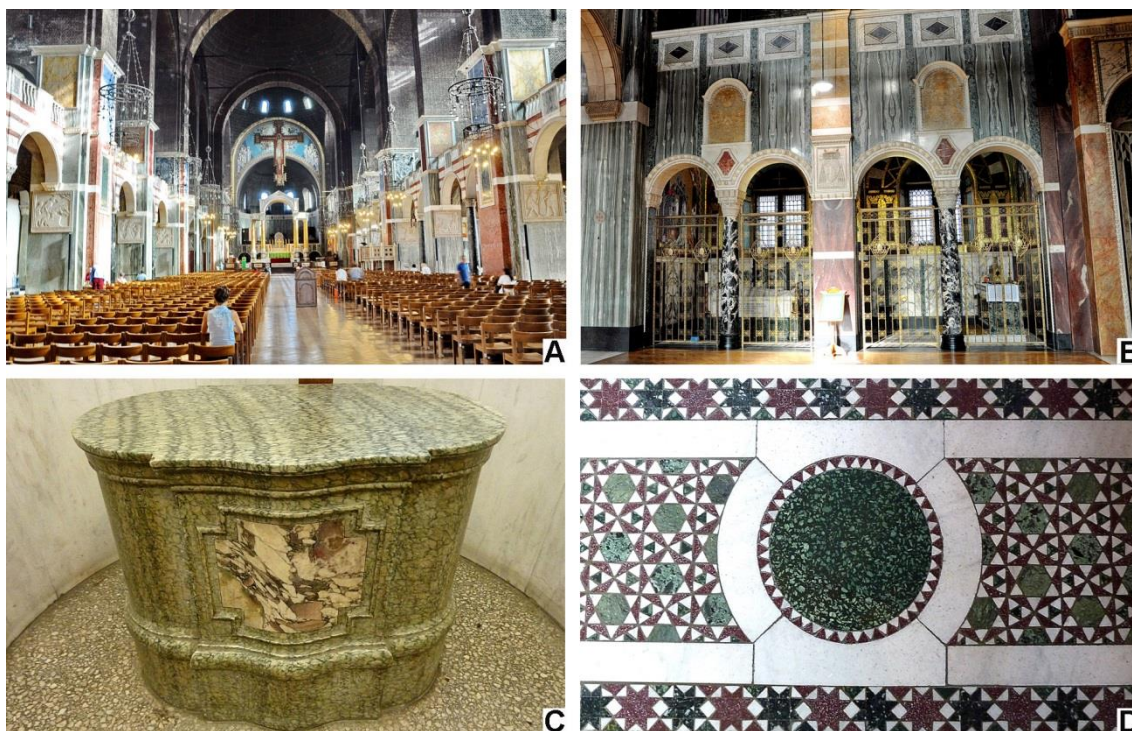


Figura 3.-Catedral de Westminster, Londres, Inglaterra. A: Nave da catedral exibindo suas multicoloridas pedras. B: Grand Antique (colunas branca e preta) e Cipollino (verde bandado). C: Campan Vert e Pavonazzetto no detalhe. D: Estilo Cosmatesco com Serpentino e PorfidoImperial

2.1.3. Museu de História Natural

Após vender sua coleção (ver item 2.2), Faustino Corsi fez mais uma coleção em um estilo muito diferente da primeira, que se encontra hoje no Museu de História Natural de Londres (Figura 4). A coleção é constituída por 2 tampos de mesa, conhecidas como Mesas do Capitão Palliser. Cada tampo de mesa é constituído por 1.012 pequenas pastilhas quadradas, um apenas com *Marmi Antichi* e o outro com pedras mais modernas. Em um manuscrito de Corsi consta que ele vendeu as mesas para o Capitão Palliser em 1833 (<http://www.oum.ox.ac.uk/corsi/about/tabletops>).

As mesas não estão em exibição pública mas podem ser visitadas com agendamento prévio junto ao museu.

2.2. Marmi Antichi em Oxford

Oxford é um dos melhores lugares para se observar *Marmi Antichi*, já que o Museu de História Natural da Universidade de Oxford abriga a Coleção Corsi desde 1827 (Figuras 5A e B). É uma coleção que compreende 1.000 amostras polidas (15 x 7,5 x 4 cm) de rochas ornamentais coletadas por Faustino Corsi (1771-1845) no início do século XIX. Mais de 300 amostras são pedras que foram usadas na Roma Antiga e 50% são constituídas por rochas carbonáticas (COOKE, 2010). É uma das coleções mais antiga, mais completa e mais bem estudada do mundo, sendo que Corsi preparou um catálogo detalhado da coleção. Pode-se dizer que é uma fonte inestimável para quem procura identificar pedras usadas em edifícios por toda a história.

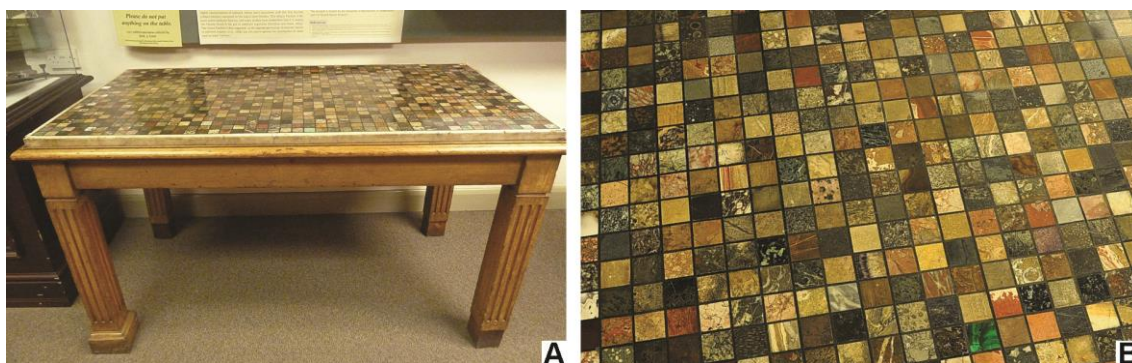


Figura 4. Mesas do Capitão Palliser, Museu de História Natural, Londres, Inglaterra

Em 2012, o Museu criou um website para a Coleção Corsi (<http://www.oum.ox.ac.uk/corsi/>), com fotografias de toda a coleção em alta resolução e as descrições originais de Corsi, tornando a coleção acessível para qualquer um interessado em rocha ornamental, arqueologia e arte decorativa. A coleção em si não se encontra em exibição pública mas é possível a sua visita a partir de um agendamento prévio com a curadoria do museu.

Coleção Corsi à parte, o Museu de História Natural da Universidade de Oxford apresenta duas particularidades.

A primeira é que o interior do edifício é ricamente decorado, e o orçamento original não previa este gasto. John Ruskin (1819-1900), historiador de arte e principal teórico na área de preservação do século XIX na Inglaterra, ajudou a levantar fundos para a vasta decoração existente no museu e foi uma voz ativa na escolha de arquitetos e a execução do projeto. Na reserva técnica da coleção de minerais há uma amostra de ouro em

conglomerado procedente da Califórnia e que foi doada pelo próprio Ruskin.

A segunda particularidade são as 126 colunas de diferentes pedras decorativas que sustentam as arcadas dos dois pisos que separam as galerias do hall central, todas procedentes das Ilhas Britânicas (Figuras 5C e D).

2.3. *Marmi Antichi* em Fountains Abbey

Marmi Antichi são encontrados em St Mary's Church, situada no Studley Royal Park, que engloba as ruínas de Fountains Abbey, North Yorkshire.

A igreja é considerada uma obra-prima da arquitetura neogótica projetada por William Burges em 1871, na era vitoriana.

No seu interior, o monumento à Marquesa e Marquês de Ripon é constituído de Verde Antico, Cipollino e Alabastro. No altar, observa-se Serpentino e Porfido Imperial, além de outros mármore ingleses (Figura 6).

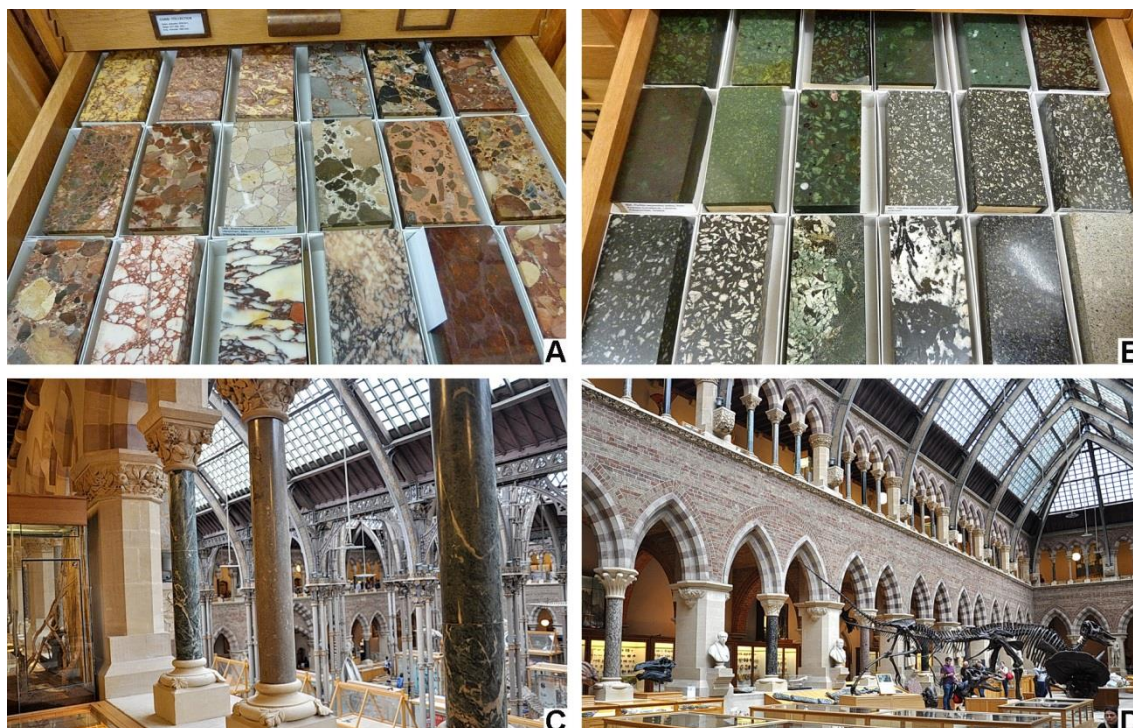


Figura 5. Museu de História Natural da Universidade de Oxford, Inglaterra. A e B: Coleção Corsi. Fotos autorizadas para publicação por Oxford University Museum of Natural History. C e D: Colunas de pedras britânicas que ornamentam o museu



Figura 6. St Mary's Church, North Yorkshire, Inglaterra. A: Verde Antico, Alabastro e Cipollino. F: Serpentino e Porfido Imperial no detalhe da parede em meio a pedras inglesas.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Desde os tempos antigos, a durabilidade e a beleza da pedra tornaram-na um excelente material de construção.

Elas estão construindo e revestindo igrejas, edifícios e túmulos e podem ser facilmente observadas e reconhecidas em roteiros geológicos pelas cidades.

A Coleção Corsi e as mesas do Capitão Palliser são objetos ímpares do patrimônio pétreo mundial e, mesmo não estando expostas ao público, têm curadorias próprias e disponíveis para visita sob agendamento.

O presente texto, mesmo com exemplos da Inglaterra, ratifica a paixão dos romanos pela pedra e a compartilha, uma vez que os *Marmi Antichi* citados foram utilizados na Roma Imperial. Existem as mais variadas cores e texturas nas pedras e devido a sua utilização milenar, fazem parte da história e podem ser apreciadas nos 4 cantos da Terra.

Os exemplos aqui apresentados são frutos de uma viagem à Grã-Bretanha dos autores, trazendo um pouco dos *Marmi Antichi* para a literatura nacional.

4. AGRADECIMENTOS

À FAPESP (Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo) pelo financiamento do projeto n. 2015/10.858-8. À Mônica T. Price do Museu de História Natural da Universidade de Oxford e curadora da Coleção Corsi, e ao Epifanio Vaccaro do Museu de História Natural de Londres e curador da Coleção de Petrologia, pela disponibilidade e gentileza nas visitas às suas coleções.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BORGHINI, G. *Marmi Antichi*. Roma: De Luca Edizione d'Arte, 1989. 342 p.

COOKE, L. The 19th century Corsi collection of decorative stones: a resource for the 21st century? In: PRIKRYL, R.; TOROK, A. (Eds.) *Natural Stone Resources for Historical Monuments*. Londres: Geological Society. Special Publication 333, p. 185-195.

DURNAN, N. The condition and conservation of the Cosmati pavements at Westminster Abbey. In: GRANT, L.; MORTIMER, R. (Eds.). *Westminster Abbey: the Cosmati pavements*. Aldershot: Ashgate Publishing Limited, 2002. Courtauld Research Papers n. 3. p. 92-99.

FOSTER, R. The context and fabric of the Westminster Abbey Sanctuary pavement. In: GRANT, L.; MORTIMER, R. (Eds.). *Westminster Abbey: the Cosmati pavements*. Aldershot: Ashgate Publishing Limited, 2002. Courtauld Research Papers n. 3. p. 49-91.

GIAMPAOLO, C.; LOMBARDI, G.; MARIOTTINI, M. Pietre e costruito della città di Roma: dall'antichità ai giorni nostri. In: FUNICIELLO, R.; PRATURLON, A.; GIORDANO, G. (Eds.). *La Geologia di Roma – dal centro storico alla periferia*. Florença: Mem. Descr. Carta Geol. D'It., 80, 2008. p. 273-406.

GRANT, L. Introduction. In: GRANT, L.; MORTIMER, R. (Eds.). *Westminster Abbey: the Cosmati pavements*. Aldershot: Ashgate Publishing Limited, 2002. Courtauld Research Papers n. 3. p. 1-6.

HUTTON, E. *The Cosmati: the Roman marble workers of the XIIth and XIIIth centuries*. Londres: Routledge and Kegan Paul Ltd, 1950. 126 p.

LAZZARINI, L.; SANGATI, C. I più importante marmi e pietre colorati usati da gliantichi. In: LAZZARINI, L. (Ed.). *Pietre e marmi antichi*. Padova: Cedam, 2004. p. 73-100.

PRICE, M.T. *Decorative Stone - The complete sourcebook*. Londres: Thames & Hudson, 2007. 288 p.

ROGERS, P. *The beauty of stone: The Westminster Cathedral Marbles*. Londres: Oremus - The Magazine of Westminster Cathedral, 2008. 114 p.

Contribuição ao

1º. Simpósio Brasileiro de Caracterização e Conservação da Pedra
14 a 16 de dezembro de 2016, Congonhas – MG

Nota:

É de responsabilidade da comissão editorial do Simpósio a revisão gramatical, ortográfica, de citações e referências bibliográficas. As normas de submissão podem se diferenciar das desta revista.